



HOMENAGEM

OBRIGADO, DR. BULHÕES, EM NOME DO BRASIL

Ubiratan Jorge Iorio de Souza*

Nescis, mi fili, quantilla sapientia regitur mundus (Não sabes, meu filho, quão pouca é a sabedoria com que o mundo é governado) —
Papa Júlio III.

U ma nação tão carente de verdadeiros homens públicos não poderia dar-se ao luxo de emprestar para a eternidade alguém como o senhor, Professor Octavio Gouvêa de Bulhões. Devemos-lhe muito, não apenas nós, os jovens economistas liberais, hoje esperançosos com o emergente sucesso das idéias em que acreditamos. Devem-lhe todos os economistas, todos os cientistas sociais, todos os que passaram pelo governo (e receberam seus oportunos puxões de orelhas), toda a classe política. Deve-lhe, sobretudo, o Brasil, Professor Bulhões.

Ressaltar agora suas qualidades de economista seria como chover no molhado. Todos as conhecem e reconhecem. Além disso, as palavras, por mais bem elaboradas que pudessem ser, seriam sempre insuficientes para descrevê-las *in totum*. Basta ressaltar que, no campo econômico, sua vida foi um modelo perfeito de coerência para com suas convicções de liberal, um raro exemplo a ser por todos nós imitado. E que, como ministro da Fazenda, o senhor foi dos raros que

* O Autor, ex-aluno do Professor Bulhões, é Professor do IBMEC, Consultor do Instituto Liberal e Doutor em Economia pela FGV.

conseguiram contrariar o aparente realismo contido no aforismo de Lord Callagan, de que "só há dois tipos de ministros da área econômica: os que saem depois do tempo e os que saem a tempo". Porque, certamente, o senhor saiu antes do tempo!

Por isso, prefiro enaltecer outras de suas inumeráveis virtudes: a respeitabilidade, a dedicação ao trabalho, a bondade, a simplicidade, a compreensão, o caráter, a liderança, a austeridade e a energia nas horas certas, qualidades que lhe emprestavam uma aura que parecia revestir sua cabeça de uma luz branca, a ponto de levar Roberto Campos a referir-se ao senhor como Santo Octávio...

Conheci-o nos idos de 1967, quando o senhor, ainda ministro, nem por isso deixava de passar pela faculdade da avenida Pasteur para ensinar aos seus alunos a maior das lições, a de que a economia, apesar de sua aparente complexidade, deve ser abordada com simplicidade. Só os sábios têm esse dom, Professor. Vale mencionar que, mesmo ministro, o senhor descia na porta da faculdade, invariavelmente, antes das 7 horas da manhã, de táxi, o qual o senhor pagava de seu próprio bolso, fiel a seu princípio de que os governos devem ser parcimoniosos em seus gastos.

No ano seguinte, marcado pelas convulsões do movimento estudantil, lá estava o senhor, já como ex-ministro, vitorioso sobre a inflação (e, talvez por isso, denotando já algumas rugas em seu rosto sereno),

dialogando com o comandante do batalhão que havia tomado de assalto o campus, pedindo-lhe humildemente, em tom quase suplicante, que poupasse os seus meninos da violência da repressão.

Ainda daqueles tempos, lembro-me do caso de um colega — hoje excelente economista — que, não havendo estudado suficientemente para os exames finais de Macroeconomia e receoso por ter que "enfrentá-lo" na banca, confessou-lhe o erro, à espera da punição. E o senhor, velho mestre, ao invés de punir o aluno com a justa reprovação, reconhecendo-lhe qualidades, estimulou-o a que estudasse, exatamente como um verdadeiro pai faria, aconselhando-o com tal ternura que o levou, mesmo tendo sido aprovado sem merecimento, a seguir pelo resto da vida os seus conselhos.

No Instituto Brasileiro de Economia da FGV sua atitude foi sempre a do exemplo para todos. É famoso, entre os funcionários mais antigos do IBRE, aquele episódio em que, faltando luz, todos aguardavam no saguão do prédio que a energia fosse restabelecida, poupando-se assim de subir as escadas, até que surgiu o senhor, já então um homem idoso, e imediatamente, sem qualquer palavra, começou a subir a escadaria, até o seu escritório do nono andar, fazendo com que todos o seguissem, em silêncio e sem reclamações.

Noutra ocasião, há cerca de um ano, o senhor quase me fez perder a voz, quando me apresentou a um

seu amigo, presidente de banco, dizendo tratar-se de um "grande professor". Ora, Dr. Bulhões, verdadeiramente grande foi o senhor!

Há alguns meses, aguardava-o no aeroporto Santos-Dumont, para levá-lo até o jatinho, que havia sido providenciado por amigos, que o transportaria, juntamente com D. Yeda, para São Paulo, onde o senhor gravaria o programa Jô Soares. Nunca mais vou esquecer, Dr. Bulhões, que a primeira preocupação sua e de sua esposa quando me avistaram foi a de saber como proceder para devolver os bilhetes da ponte aérea que D. Yeda trazia nas mãos, que lhes haviam sido enviados pela direção do programa.

Sua última e corajosa lição pública foi quando, por ocasião do Plano Collor, o senhor exprimiu toda a angús-

tia dos verdadeiros liberais, dizendo, ao mesmo tempo em que apoiava a coragem do Presidente em atacar com firmeza a inflação, que se sentia tungado pelo confisco de sua conta bancária...

Por fim, querido mestre, alegro-me em saber que, depois de décadas sem que suas idéias econômicas fossem compreendidas, o senhor viveu o suficiente para sentir que elas começam a triunfar, o que me faz perguntar-lhe se o senhor leu o poeta Drummond quando escreveu: "...e como ficou chato ser moderno, agora serei eterno".

Felicidades em sua nova vida, Professor. Dê um forte abraço em Joaquim Murtinho, em Adam Smith, em Ludwig von Mises e outro, especial, em Wolfgang Amadeus Mozart.
